

A IMAGEM DA VELHICE EVIDENCIADA NO INSTAGRAM DURANTE A PANDEMIA DO COVID 19

ANA KATARINA DIAS DE OLIVEIRA

Mestre em Saúde e Sociedade pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Assistente Social e Nutricionista, akatarinadoli@gmail.com;

KALYANE KELLY DUARTE DE OLIVEIRA

Doutora e Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Professora do curso de enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, kenfoliveira@gmail.com.

RESUMO

A COVID-19 trouxe visibilidade à população idosa, uma vez que nos primeiros meses de pandemia os dados sobre a doença mostraram maior incidência de mortes em idosos, principalmente quando a idade estava associada a comorbidades. Discussões sobre medidas de proteção a esse grupo considerado de risco, nas redes sociais, evidenciaram ainda mais o preconceito e o estigma que cercam o envelhecimento humano. Portanto esse trabalho tem como objetivo identificar a imagem da velhice no contexto da pandemia da COVID-19 veiculada no Instagram. Consiste numa pesquisa documental, descritiva com abordagem quantitativa, desenvolvida usando hashtags para buscar imagens e vídeos do Instagram que retratam a imagem da velhice na pandemia da COVID-19. A análise dos dados foi por estatística descritiva. 87,3% são fotos e apenas 12,7% são vídeos. 58,2% das publicações são de março de 2020, 21,8% entre abril e novembro de 2020 e 20% em 2021. 63,3% das publicações estavam em perfis pessoais e desses 43,3% eram perfis de profissionais de saúde ou gerontologia. 99% das publicações encontradas nessa pesquisa caracterizavam-se, direta ou indiretamente, pelo tom de cuidado. Os resultados mostram que, embora essas publicações, em sua maior parte, não tivessem claramente um tom agressivo e com viés político característico desse momento, elas indiretamente reforçam uma imagem depreciativa do envelhecimento, uma vez que exacerbaram representações negativas comuns ao ideário brasileiro de que pessoas idosas são frágeis, dependentes e merecedoras de cuidados diferenciados, enfatizando, de certa forma, uma decadência física e social.

Palavras-chave: Envelhecimento, Idoso, Redes Sociais, Pandemia, Coronavírus.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história humana há vários registros de epidemias e pandemias que assolaram populações, como a “Peste Negra” no século XIV, a “Gripe Espanhola” no início do século XX e mais recentemente a H1N1, Ebola e Zika Vírus, já no século XXI. Entretanto, nenhuma das epidemias ou pandemias anteriores teve um alcance tão rápido a nível global como a COVID-19, que em três meses já acometia pessoas em praticamente todos os países do mundo (GALHARDI *et al*, 2020; PAULA; MELLO, 2020).

Os primeiros casos de COVID-19 foram registrados na China no final de 2019, na época uma doença nova e desconhecida, com sintomas semelhantes à pneumonia, mas com contágio veloz e alta letalidade. A primeira notificação oficial da nova doença junto à Organização Mundial de Saúde (OMS) aconteceu em dezembro de 2019, e o número de novos casos se espalhou tão rapidamente por vários países, que em 11 de março de 2020 a OMS declarou situação de pandemia mundial (BEZERRA *et al*, 2020; MAGNO *et al*, 2020; SILVA; JARDIM; SANTOS, 2020).

No Brasil, o primeiro caso registrado aconteceu na cidade de São Paulo, no dia 26 de fevereiro de 2020, sendo, também, o primeiro caso oficialmente conhecido na América Latina. Em agosto do mesmo ano, o país chegou à marca de 3 milhões de casos confirmados e 100 mil óbitos por COVID-19 (BEZERRA *et al*, 2020; HAMMERSCHMIDT; SANTANA, 2020; SILVA; JARDIM; SANTOS, 2020).

De acordo com dados do Ministério da Saúde, até o dia 26 de agosto de 2021 foram registrados 215 milhões de casos no mundo com 4,48 milhões de óbitos. Nessa mesma data o Brasil registrava pouco mais de 20.680 casos e 578 mil mortes. Esse cenário marcado pela evolução da pandemia em escala mundial, como mostram os boletins epidemiológicos diários, não deixa dúvidas de que o mundo vive o maior desafio sanitário desse século. E essa situação vem afetando significativamente os sistemas políticos, econômicos e sociais, com impacto considerável para as populações mais vulneráveis (BARBOSA, *et al* 2020; BRASIL, 2021; RANZANI *et al*, 2021)

O nome COVID-19 origina-se da abreviação de **Coronavirus Disease** 2019, uma doença provocada por uma nova espécie do

coronavírus humano - SARS-CoV-2, que se diferencia das demais espécies da família por causa do tempo de incubação, velocidade de transmissão, alto poder de contágio e riscos de mortalidade (COSTA E SILVA *et al*, 2020; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020).

Os sintomas iniciais são diversos, variando desde casos assintomáticos a casos cujos sintomas se assemelham ao de outras viroses gripais, como tosse, febre, fadiga, dor de cabeça, dor na garganta, podendo evoluir para alterações pulmonares. Algumas vezes, embora menos comum, podem acontecer problemas gastrointestinais como diarreia, náuseas e vômitos. Em casos graves os pacientes podem chegar a óbito (COSTA E SILVA *et al*, 2020; ROMERO *et al*, 2021). Nos primeiros meses de 2020 os dados sobre a doença mostraram maior incidência de mortes em pessoas idosas, principalmente acima de 80 anos, e pessoas com comorbidades como cardiopatias, diabetes, doença renal, imunodepressão, obesidade e doenças pulmonares (HAMMERSCHMIDT; SANTANA, 2020).

Logo, fazer parte do grupo de risco trouxe visibilidade para a população idosa, visibilidade essa que leva a reflexões a cerca da velhice e do envelhecer nas sociedades contemporâneas, e em muitos momentos durante a pandemia ficou evidente o preconceito e o estigma que cercam o envelhecimento humano. Diante do desconhecimento sobre a nova doença, cuidados preventivos como higienização das mãos, superfícies de contato e objetos, além de distanciamento social, foram as medidas adotadas para tentar conter o avanço de novos casos (HAMMERSCHMIDT; SANTANA, 2020 ; PAULA *et al*, 2020).

A crise nos sistemas mundiais de saúde pública, evidenciada e reforçada pela pandemia, foi alvo de debates algumas vezes acirrados nos meios de comunicação. No Brasil, essa crise foi intensificada pela polarização política e pelo descrédito nas instituições tradicionais, por isso as discussões sobre a responsabilidade dos cuidados com idosos durante a pandemia teve grande espaço nas mídias, principalmente sociais (PAULA *et al*, 2020).

Muito se discutiu se as medidas de distanciamento deveriam se estender a todos ou limitar-se aos idosos, uma vez que inicialmente esses eram o principal grupo de risco para casos graves, e o fechamento das atividades não essenciais representava, como afirmavam algumas pessoas, um risco para a economia. Entretanto, o avanço da

pandemia mostrou que a flexibilidade da quarentena e restrição do isolamento apenas aos idosos revelou-se ineficaz. O avanço dos casos em populações jovens e sem comorbidades, e a consequente superlotação dos leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTI), levou alguns países, como a Itália, a viver o conflito ético de escolher a quem destinar os leitos de UTI de acordo com critérios de maior possibilidade de sobrevivência. Nesse cenário tétrico, os mais jovens eram os privilegiados (PAULA *et al*, 2020).

Emergem, desse contexto, os questionamentos: O valor da vida humana pode ou deve ser definido apenas por critérios etários? Qual a imagem dos idosos nas redes sociais no contexto da pandemia da COVID-19? Uma vez que as redes sociais são plataformas digitais onde a informação se espalha rapidamente, através de postagens feitas a cada instante, e refletem os discursos, imagens e opiniões que permeiam a sociedade real, além de ter forte poder de influenciar as pessoas, surge a reflexão acerca das consequências dessas imagens sobre envelhecimento na vida prática dos idosos (XAVIER, 2020; RECUERO; SOARES, 2020).

Uma imagem negativa do envelhecimento pode reforçar os preconceitos e estigmas já existentes em relação a pessoas nessa fase da vida. Portanto, esse trabalho tem como objetivo identificar a imagem da velhice no contexto da pandemia da COVID-19 veiculada no Instagram.

O Instagram é a plataforma digital que mais cresce em número de seguidores no Brasil nos últimos anos. Lançado em 2010 com a função principal de compartilhamento de fotos, rapidamente ganhou popularidade e adicionou outras funções, como a aplicação de filtros digitais. Em 2012 foi adquirida pelo Facebook, que hoje compartilha alguns serviços entre as duas redes (AP ROBATO, 2018). Embora o relatório **We Are Social e Hootsuite** mostre que pesquisa realizada entre abril de 2019 a janeiro de 2020 tenha apontado o Facebook como rede social mais utilizada que o Instagram pelos brasileiros, esta última ocupa a segunda posição no ranking global de número de usuários com 66 milhões de usuários, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (KEMP, 2020).

Para conhecer a imagem dos idosos que está sendo divulgada nessa rede social, foi realizada pesquisa documental a partir das

hashtags #covididosos, #pandemiaidoso, #coronavirusidosos. Os resultados aqui apresentados, embora retratem apenas um recorte de uma rede social, mostram como a pandemia da COVID19 contribuiu para revelar o ageísmo que permeia a sociedade brasileira.

METODOLOGIA

O presente estudo consiste numa pesquisa documental, descritiva com abordagem quantitativa. O cenário da pesquisa foi o Instagram e a escolha dessa rede social se deu por ser uma plataforma digital de grande popularidade no Brasil e por sua modalidade de interatividade social. E a contrário da crença popular de que redes sociais são coisas de jovem estudo realizado por Aprobato (2018) aponta que 57% dos usuários brasileiros de internet entre 55 e 65 anos de idade tem conta no Instagram.

A amostra deste estudo foi composta pelas publicações, vídeos ou fotos, do Instagram. Foram considerados como critério de inclusão na pesquisa **hashtags** utilizadas conforme orienta a busca na rede social #covididosos, #pandemiaidoso, #coronavirus idosos e publicações em língua portuguesa. **Hashtags** são comandos usados com a finalidade de agrupar imagens sobre um determinado assunto, e assim facilitar a disseminação do conteúdo, permitindo acompanhar as discussões sobre um determinado tema de forma organizada . Funcionam como uma espécie de palavras-chaves que possibilita buscas posteriores (PIZA, 2012).

Os critérios de exclusão foram: páginas repetidas, sem imagem no perfil, postagem de **gifts, boomerang** e em língua estrangeira. A escolha por **hashtags** com combinação de palavras se deu por assim filtrar melhor o conteúdo, uma vez que palavras isoladas com idoso ou COVID-19 tem um número muito alto de postagens não relacionadas diretamente ao tema de interesse desse estudo e conseqüentemente dificultaria m a pesquisa.

Os dados foram coletados em formulário elaborado para o estudo. O formulário busca informações como: postagem em foto ou vídeo, mês e ano da publicação, número de seguidores, categoria da postagem, entre outros. A coleta aconteceu no mês de julho de 2021, através de conta pessoal da pesquisadora no Instagram. Foram descartadas

as postagens repetidas. O formulário era respondido logo após a visualização do vídeo ou imagem, sendo preenchidos os dados e as impressões das publicações. Durante a pesquisa com a **hashtag** #covididosos, encontrou-se 112 publicações, com a #pandemiaidosos apenas 8 publicações e com #coronavirusidosos 85 publicações, totalizando 205 postagens. Aplicados os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionadas 55 publicações.

Os dados foram analisados através de estatística descritiva simples, utilizando como suporte o Microsoft Excel 365, e discutidos a partir de referencial teórico pertinente. O estudo não requer aprovação do comitê de ética, uma vez que os dados utilizados são de domínio público, expostos no Instagram, porém, os autores atestam que todos os princípios éticos foram seguidos conforme a resolução 466/2012.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 55 publicações selecionadas 87,3% (n=48) são fotos e apenas 12,7% (n=7) são vídeos. Os vídeos tem duração variável, 4 deles tem até 6 segundos, 2 duram entre 3 a 5 minutos e apenas 1 teve duração bem maior, de 48 minutos. As fotos tinham conteúdo e texto diversos e de maneira geral o conteúdo das postagens podem ser classificados em 3 categorias: a) Isolamento, restrição de visitas, cuidados para prevenção da COVID-19, b) Idosos como grupo vulnerável, c) Ações para amenizar o impacto do isolamento, com destaque para o incentivo do contato virtual.

Em relação ao período das postagens 58,2% (n=32) delas foram publicadas em março de 2020, 21,8% (n=12) entre abril e novembro desse mesmo ano, e 20% (n=11) em 2021. O maior percentual de postagens em março de 2020 coincide com o início oficial da pandemia no país, período em que se começou a divulgar na mídia nacional a importância do isolamento para a contenção da pandemia. A relação entre os idosos e a pandemia, e o maior número de postagens do primeiro trimestre de 2020, provavelmente está associada as notícias de idosos como pessoas mais suscetíveis a nova doença, como foi divulgado amplamente por órgãos oficiais em todos os meios de comunicação.

Trabalhos publicados em 2020 ressaltam essa opinião. Massuda *et al* (2020) dizem que estudos realizados na China no início da pandemia mostraram que idosos e pessoas com doenças crônicas eram mais propensos a apresentarem as formas graves da COVID-19, situação que foi confirmada também na Espanha, onde os idosos corresponderam, no primeiro semestre de 2020, a 68% das internações hospitalares pela doença. Para Hammerschmidt e Santana (2020) os idosos são figuras centrais nas discussões sobre a pandemia por demandarem atenção especializada de saúde a fim de reduzir a possibilidade de colapsos no sistema de saúde e sociedade.

Massuda *et al* (2020) ressaltam que o envelhecimento favorece a redução da resposta do sistema imunológico e quando esse quadro é associado a doenças como hipertensão e diabetes, aumenta consideravelmente a possibilidade de desfechos adversos em idosos acometidos pela COVID-19. Essa ideia é reforçada nos informes divulgados pelo Ministério da Saúde no início da pandemia que colocava pessoas acima de 60 anos, pessoas de qualquer idade que tenham comorbidades, como: cardiopatia, diabetes, pneumopatia, doença neurológica ou renal, imunodepressão, obesidade, asma e puérperas, como grupos de risco para o desenvolvimento e agravamento do novo coronavírus (BRASIL, 2020b).

Nessa pesquisa 36,4% (n=20) das publicações mostravam de alguma maneira, sejam através da imagem ou no texto, os idosos como pessoas que demandavam atenção maior na pandemia. Uma postagem de vídeo publicada numa página pessoal em março de 2020, mostra o apresentador Marcos Mion chamando a atenção para a situação angustiante dos idosos na Itália diante da falta de leitos hospitalares e alertando os brasileiros para evitar se chegar a esse ponto no país.

Estudo realizado por Barbosa *et al* (2020) mostra dados de boletim epidemiológico do Paraná de 27 de junho de 2020, onde do total de 562 óbitos por COVID-19, cerca de 70,8% referem-se à população idosa e, destes, aproximadamente 34,9% são de pessoas acima de 80 anos. Já Romero *et al* (2021) apontam que a nível nacional, entre março e junho de 2020 o país registrou, de acordo com o Sistema de Informação de Vigilância Epidemiológica da Gripe (SIVEP-Gripe), 35.126 óbitos de

pessoas acima de 60 anos por COVID-19, o que correspondia a 71% do total de óbitos pela doença naquela época.

Para a Organização das Nações Unidas (ONU) o avanço da doença e a disseminação do vírus em países com precários sistemas de proteção social pode contribuir para o aumento da taxa de mortalidade em pessoas idosas. Romero *et al* (2021) ressalta ainda que a pandemia pode aumentar o risco de pobreza entre a população idosa, além da perda de suporte social, reforçar estigma, discriminação e isolamento, condições tão frequentemente vinculadas a esse grupo.

A ideia de fragilidade desse grupo etário é reforçada nas publicações sobre necessidade de cuidados para prevenção da doença, higienização de mãos e objetos, restrição de visitas a idosos que vivem em Instituições de Longa Permanência (ILPI) e principalmente isolamento social. 47,3% (n=26) das publicações abordavam um ou mais desses temas. Em algumas postagens os textos enfatizavam que essas orientações serviam para pessoas de todas as idades, mas que deveriam ser intensificadas em pessoas idosas.

É interessante ressaltar aqui que essa pandemia tem como grupo de risco a faixa etária que mais vem crescendo mundialmente nas últimas décadas. E se por um lado o aumento da expectativa de vida representa uma conquista a muito sonhada pela humanidade, aliada ao progresso da ciência, principalmente na área da saúde, por outro ela se dá acompanhada de estigmas e preconceitos. Para Castro *et al* (2020) essa situação consiste num paradoxo que é influenciado não só pelo envelhecimento individual como também pela maneira como a ciência e a sociedade se posicionam sobre a velhice

Dutra e Carvalho (2021, p.80) dizem que a sociedade vê o envelhecimento "como sinônimo de perdas, incapacidades, limitações, adoecimentos e dependência. Nessa pesquisa foi possível perceber que as publicações relacionadas aos cuidados e prevenção da COVID-19 em pessoas idosas tinham um tom de preocupação, zelo ou até mesmo respeito. Numa das publicações feitas numa página de uma ILPI o texto diz que as visitas estão suspensas por tempo indeterminado e que: "no momento se afastar é um ato de proteção", ressaltando assim a necessidade que as pessoas idosas tem de serem cuidadas, protegidas.

Em outra publicação, numa página de uma Organização Não Governamental (ONG), a foto de uma idosa vem seguida do texto: "Nós jovens temos a responsabilidade de preservar os grupos de riscos como os idosos. Cuidem deles porque um dia será você também". Nesse caso percebe-se um tom de obrigação, algo que devo fazer pelo outro pensando num bem-estar próprio no futuro. Trazendo a tona à reflexão de Alcantara (2021, p. 202) que diz: "Quão distante é a velhice na/da vida do jovem. Como é difícil sentir-se no lugar do outro, que mesmo não sendo eu, retrata minha condição futura".

A antropóloga Mírian Goldenberg afirma que o brasileiro associa beleza e saúde a juventude, por isso a cultura brasileira é caracterizada pelo temor ao envelhecimento, para ela parte da população brasileira considera o idoso um peso para a sociedade e a pandemia da COVID-19 evidenciou ainda mais visão preconceituosa (BARRUCHO, 2020). Opinião corroborada no estudo de Bergman e Bodner (2015) onde diz que a rejeição dos jovens brasileiros, mesmo inconscientemente, a ideia da velhice esta associada ao desejo de retardá-la ao máximo, uma vez que o envelhecimento é uma condição desvalorizada em nossa sociedade.

Apesar do tom de zelo das publicações em muitas delas é possível perceber, embora de forma velada a visão estigmatizada do envelhecimento na sociedade. Apenas uma publicação feita numa página pessoal revelava de forma mais direta o preconceito camuflado na sociedade através de um vídeo que "viralizou" na internet como "caminhão cata velho". Embora o idealizador da ideia apareça em vários vídeos na internet dizendo que a proposta era conscientizar a população idosa sobre a importância do isolamento de forma bem humorada num momento difícil, a proposta não foi bem vista por alguns estudiosos do envelhecimento (CAMINHÃO..., 2020).

Para Correa e Justo (2021) o vídeo evidencia o tratamento discriminatório e preconceituoso para com os idosos, ressaltado durante a pandemia. Para esses autores o vídeo parece fazer alusão as antigas carrocinhas que recolhiam animais na rua o que acaba representando uma desqualificação e inferiorização dos idosos. Opinião corroborada por Henning (2020) que vê nos memes e outras postagens mostrando velhos retratados de forma infantil e estereotipada, desafiando o isolamento social.

A terceira categoria de publicações encontradas refere-se a ações para amenizar o impacto do isolamento social, a importância do contato virtual seguida de mensagens positivas de superação. 16,3% (n=17) das publicações encontravam-se nessa categoria. As sugestões apresentadas nas publicações variavam de dicas de atividades físicas e de lazer como leitura, filmes e outros, como também, divulgação de cursos e atendimentos online.

Entretanto, a maioria das publicações encontradas nessa pesquisa, 99% (n=55), caracterizavam-se, direta ou indiretamente, pelo tom de cuidado. Isso pode estar associado às páginas onde foram encontradas as postagens. 63,3% (n=35) das publicações estavam em perfis pessoais e desses 43,3% (n=24) eram perfis pessoais de profissionais ligados a área de saúde ou gerontologia. O quadro abaixo mostra a distribuição percentual de postagens por profissão:

Quadro 1: Distribuição de publicações por profissionais

Profissão	% (n)
Fisioterapeuta	9,1% (n=5)
Médico Geriatra	7,3% (n=4)
Médico Cardiologista	1,8% (n=1)
Gerontólogo	18,2% (n=10)*
Nutricionista	1,8% (n=1)
Dentista	1,8% (n=1)
Psicólogo	7,3% (n=4)
Fonoaudiólogo	1,8% (n=1)
Advogada	1,8% (n=1)
Secretários de Saúde	3,6% (n=2)

*Das 10 postagens 6 foram feitas na mesma página

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

No quadro acima percebe-se um predomínio de publicações em páginas de profissionais de saúde, principalmente fisioterapeutas. Chama a atenção a ausência de publicações sobre idosos e coronavírus por profissionais de enfermagem, profissão que teve muita visibilidade durante a pandemia. Estudo realizado por Oliveira *et al* (2020) sobre a imagem do enfermeiro na mesma rede social, encontrou considerável

número de publicações sobre COVID-19 em páginas relacionadas a enfermagem, embora o estudo não se refira a nenhuma sobre idosos.

As demais publicações foram encontradas em: páginas de órgãos públicos 10,9% (n=6) e páginas de empresas 25,5% (n=14), sendo que desse total publicado por empresas 57,1% (n=8) eram ILP Is ou serviços de Home Care voltados para idosos. A repercussão das publicações selecionadas foram variadas quando avaliadas a partir do número de curtidas, a maioria tiveram menos de 100 curtidas e apenas 8 das 55 publicações tiveram acima de 100 curtidas. Isso pode estar relacionado ao número de seguidores das páginas encontradas na pesquisa conforme mostra quadro abaixo:

Quadro 2: N úmero de seguidores por páginas do Instagram

Número de seguidores	Número de páginas
100 a 200	03
201 a 300	02
301 a 400	02
401 a 500	04
501 a 600	02
701 a 800	04
801 a 900	03
901 a 1.000	02
1.001 a 2.000	20
2.001 a 3.000	03
3.001 a 4.000	03
4.001 a 5.000	01
5.001 a 6.000	01
7.001 a 8.000	01
14.900	01

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Como se vê no quadro acima 99% (n=51) dos perfis tinha menos de 7.000 seguidores, com predomínio de páginas com menos de 2.000 seguidores e apenas 1% (n=1) tinha 14.900 seguidores. No Instagram o número de seguidores de um perfil determina prestígio aquela pessoa dentro da comunidade e geralmente esses seguidores se identificam

de alguma forma com as postagens publicadas em determinado perfil (PIZA, 2012).

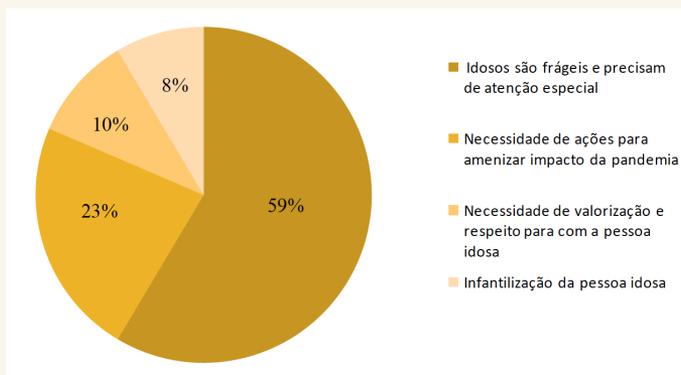
Os dados acima talvez se reflitam na ausência de comentários polêmicos nas postagens identificadas nesse estudo. Os raros comentários que apareceram em algumas publicações era apenas de apoio ou concordância com as postagens. Ao contrário do que foi visto em alguns veículos de comunicação, nas redes sociais de jornais, de personalidades e de alguns políticos onde as discussões sobre o comportamento e o tratamento dispensado aos idosos durante a pandemia foram marcados pelo preconceito e discriminação.

Desde março de 2020, muitos veículos de comunicação vêm mostrando o preconceito, que embora já existente, foi evidenciado ainda mais durante a pandemia COVID-19. A Câmara de Deputados Federais publicou matéria em seu portal sobre o aumento do preconceito contra os idosos durante a pandemia e o alerta feito por especialista durante debate da Comissão dos direitos da Pessoa Idosa da Câmara, que defendem a instituição de um Dia Nacional de Combate ao Idadismo (FERREIRA, 2021).

Idadismos ou Ageismo são termos utilizados para referir ao preconceito baseado na idade que provoca discriminação, exclusão social e marginalização das pessoas idosas. Geralmente se revela nas práticas cotidianas, através de declarações verbais ou atitudes por pessoas mais jovens, e às vezes nem tão jovens (CASTRO *et al*, 2020).

Para Goldenberg (2020) a velhofobia, termo que prefere usar no lugar de idadismo, é praticada até mesmo por pessoas velhas que não se enxergam como tal, e a pandemia trouxe mais repercussão a temática. Frases como: "não se pode deixar a economia parar", "os jovens têm que voltar a trabalhar", "os velhos vão morrer mais cedo ou mais tarde" ou até mesmo "É bom que as mortes se concentrem entre os idosos, pois reduzirá nosso déficit previdenciário", foram algumas das visões presentes nos discursos sobre velhice que circularam na internet durante a pandemia.

Nessa pesquisa o idadismo não foi exposto de forma tão violenta e preconceituosa. O gráfico 1 mostra as impressões sobre velhice captadas nas postagens.



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Apesar das conhecidas declarações por parte de pessoas públicas, ressaltando ainda mais o preconceito contra idosos durante a pandemia no país, chegando algumas vezes a gerar discussões e polêmicas na internet, revelando a visão torpe que parte da sociedade brasileira tem sobre envelhecimento, as publicações do Instagram vinculadas as **hashtags** #covididosos, #pandemiaidoso, #coronavirusidosos limitaram-se a associar a imagem do idoso a fragilidade e portanto a necessidade de tratamento diferenciado. Vale lembrar que a maioria das postagens eram de profissionais que trabalham com esse público, principalmente profissionais de saúde.

Com exceção do vídeo "cata velho" as demais publicações e seus respectivos comentários não tinham caráter agressivo ou polêmico. Apenas evidenciaram as imagem de envelhecimento associado a mudanças físicas de biológicas negativas como perda de saúde física, força, vigor e maior probabilidade de comorbidades que também eram consideradas fator de risco para COVID-19.

Outras questões sobre envelhecimento bastante discutidas na mídia durante a pandemia como diminuição do poder de compra, da renda familiar, dependencia exclusiva de familiares da renda dos idosos e outras questões financeiras agravada pela crise econômica não aparece nas postagens encontradas nesse tabalho. Embora estudos como o de Costa e S ilva **et al** (2020) e Ranzani et al (2021) afirmem que pessoas idosas das classes mais pobre foram não apenas os grupos mais vulneráveis como também os mais afetados pela pandemia em todos os aspetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento em que o mundo vive a maior crise sanitária desse século, no Brasil além da crise, a consequente desestruturação dos sistemas político, econômico e social teve impacto significativo na saúde pública e na condução das ações de enfrentamento da pandemia da COVID-19. Os discursos políticos controversos, a negação da gravidade da doença e a celeuma em torno da questão da necessidade de isolamento social para todos ou apenas para os grupos de risco, neles inclusos as pessoas idosas, trouxe a tona, e principalmente para as discussões nas redes sociais o preconceito que cerca o envelhecimento no país.

Nesse contexto, esse trabalho buscou identificar qual a imagem da velhice foi evidenciada no Instagram durante a pandemia do Covid 19. Os resultados aqui apresentados mostram que embora as publicações encontradas, em sua maioria não tivessem claramente um tom agressivo e com viés político característico desse momento, elas indiretamente reforçaram uma imagem depreciativa do envelhecimento. Uma vez que exacerbou representações negativas comuns ao ideário brasileiro de que pessoas idosas são frágeis, dependentes e merecedoras de cuidados diferenciados, enfatizando de certa forma uma decadência física e social.

O fato de serem os idosos o principal grupo de risco divulgado no início da pandemia, fez com que a sociedade e até mesmo profissionais de saúde reforçassem em suas publicações a necessidade de cuidados e tratamento especial nesse grupo como forma de evitar as manifestações mais graves da doença e o consequente o colapso do sistema de saúde. Embora as orientações dos profissionais tenham se configurado estratégias fundamentais para se evitar ainda mais a disseminação da doença. Sabe-se que o envelhecimento se dá de maneira heterogênea e que a qualidade do envelhecimento envolve desde questões biológicas, genéticas até questões ambientais, como condições socioeconômicas vivenciadas ao longo dos anos.

Portanto, generalizar condutas e a imagem dos idosos brasileiros implica reforçar o ageísmo que predomina no país. E nesse momento de pandemia marcado pelo isolamento, incertezas e morte, pode

reforçar ainda mais sentimentos de inferioridade, solidão, depressão tão comuns nessa população.

Esse estudo teve algumas limitações como o recorte temporal necessário a coleta de dados, mas que reconhece o caráter contínuo da pandemia que sem previsão de quando será sua finalização pode adquirir outras configurações como por exemplo o surgimento de outros grupos de risco em lugar dos idosos. A restrição das postagens publicadas apenas no Instagram também pode ter sido outro fator delimitador do estudo, uma vez que outras redes sociais com outros perfis de usuários podem apresentar resultados diferentes dos aqui encontrados.

Esse trabalho limitou-se apenas a identificar a imagem que estava sendo repassada do envelhecimento sem levar em consideração uma análise mais profunda das diferenças sociais, econômicas, de gênero, ou até mesmo os impactos das medidas de isolamento social na saúde e no próprio processo de envelhecimento desses idosos. Em um país onde a população envelhece de forma acelerada e sem planejamento faz-se necessário mais estudos para melhor vivência dessas pessoas na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALC ÂNTARA, A. Diálogos com o Estatuto do Idoso e Paulo Freire: a velhice para além do antigamente, uma possibilidade de Ser Mais. *Revista Kairós-Gerontologia*. v. 24, n.1, p. 199-212, 2021.

FERREIRA, C. Agência Câmara de Notícias, 05 abr. 2021. **Preconceito contra idosos aumenta na pandemia**. Disponível em: <http://www.camara.leg.br/noticias/742570-preconceito-contra-idosos-aumenta-na-pandemia/>. Acesso em: 17 julho 2021.

APROBATO, V. C. Corpo digital e bem-estar na rede Instagram: um estudo sobre as subjetividades e afetos na atualidade. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*. v. 38, n. 95, p. 157-164, 2018.

BARBOSA, A.C.S. *et al.* Atenção ao idoso frente à pandemia por Covid-19. *R. Saúde Públ.* v.3, p.129-139, 2020. Supl 1.

BARRUCHO, L. **Pandemia de coronavírus evidencia 'velhofobia' no Brasil, diz antropóloga**. BBC News Brasil, 2 mai. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>. Acesso em: 17 julho 2021.

BERGMAN, Y. S.; BODNER, E. Ageist attitudes block young adults' ability for compassion toward incapacitated older adults. *Int Psychogeriatric*. v. 27, n. 9, p. 1541-1550, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1041610215000198>. Acesso em: 17 julho 2021.

BEZERRA, A. C. V. et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 25, p. 2411-2421, 2020. Supl.1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Painel Coronavírus. 2020 a. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 15 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Coronavírus*. 2020b. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/pesquisa/46764-coronavirus-43-079-casos-e-2-741-mortes>. Acesso em 15 ago. 2021.

CAMINHÃO cata veio. Balanço Geral. 2020. Duração: min 33seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T8f0yZD-b0>.

CASTRO, B. R. *et al*. A expressão do idadismo em tempos de COVID-19: Uma reflexão teórica. *Revista Kairós-Gerontologia*. v. 23, n.28, p.479-497, 2020.

CHEN, N. *et al*. Epidemiological and clinical characteristics of 99 cases of 2019 novel coronavirus pneumonia in Wuhan, China: a descriptive study. *The Lancet*. [Internet]. 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/32007143>. Acesso em: 25 julho 2021.

COSTA E SILVA, S. P. *et al*. Idoso, COVID-19 e mídia jornalística. *Revista Kairós-Gerontologia*. v. 23, n. 28, p. 287-307, 2020.

GALHARDI, C. P. *et al*. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 25, p.4201-4210, 2020. Supl.2.

HAMMERSCHMIDT, K. S. de A.; SANTANA, R. F. S. Saúde do idoso em tempos de pandemia COVID-19. *Cogitare enferm*. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/72849>. Acesso em: 23.07.2021.

HENNING, C. E. Nem no Mesmo Barco nem nos Mesmos Mares: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discursos sobre velhices na pandemia da COVID-19. *Cadernos de Campo*. v. 29, n. 1, p. 150-155, 2020. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/170798>. Acesso em: 23.07.2021.

KEMP, S. Digital 2020: Brasil. In: *Hootsuite e We Are Social*. New York, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil/?q=brazil>. Acesso em 15 ago. 2021.

MAGNO, L. *et al.* Desafios e propostas para ampliação da testagem e diagnóstico para COVID-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 25, n. 9, p. 3355-3364, 2020.

MASSUDA, E. M. *et al.* Representações sobre o idoso em mídia social durante a pandemia de Covid-19. *Revista Kairós-Gerontologia*. v. 23, n. 28, p. 203-217, 2020.

OLIVEIRA, K. K. D. *et al.* A imagem do enfermeiro no instagram no contexto da pandemia da covid-19. *Enferm. Foco*. v. 11, n. 1, p. 101-107, 2020.

PAULA, F. R. de; MELLO, M. G. da S. Análise de Redes Sociais: a formação de grupos do Facebook frente à epidemia da COVID-19 no Brasil. *Vittalle – Revista de Ciências da Saúde*. v. 32, n. 1, p. 32-42, 2020.

PIZA, M.V. *O fenômeno Instagram*: considerações sob a perspectiva tecnológica. 2012, 48 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - habilitação em sociologia. Universidade de Brasília, 2012.

PAULA, B. B. de *et al.* A pessoa idosa no contexto da Covid-19: assuntos veiculados na mídia do Distrito Federal. *Revista Kairós-Gerontologia*. v. 23, n. 28, p. 99-115, 2020.

RAN ZANI, O. T. *et al.* Characterisation of the first 250 000 hospital admissions for COVID-19 in Brazil: a retrospective analysis of nationwide data. *The Lancet*. 2021. Disponível em: https://www.a rca. fiocruz.br/b itstream/ict/46140/2 /Ran_zani_Ota_vio_eta_LINI_2021_COVID-19.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.

REC UERO, R.; SOARES, F.B. O Discurso Desinformativo sobre a Cura da COVID-19 no Twitter: Estudo de caso 2020. *Ecompós*. v. 24, p. 1-29, jan-dez, 2021.

ROMERO, D.E. *et al.* Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. *Cad. Saúde Pública*. v. 37, n. 3, p.1-16, 2021.

SILVA, G. A.; JARDIM, B. C.; SANTOS, C. V. B. dos. Excesso de mortalidade no Brasil em tempos de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 25, n. 9, p. 3345-3354, 2020.

UNITED NATIONS. *Policy brief: the impact of COVID-19 on older persons*. Disponível em: https://www.un.org/development/desa/ageing/wp-content/uploads/sites/24/2020/05/GHRP-COVID19_May_Update.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Bulletin*, [S. l.], n. February, 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronavirus/situation-reports/20200211-sitrep-22-nCoV.pdf?sfvrsn=fb6d49b1_2. Acesso em: 23 ago. 2021.

XAVIER, F. *et al.* Análise de redes sociais como estratégia de apoio à vigilância em saúde durante a Covid-19. *Estudos Avançados*. v. 34, n. 99, p. 261-281, 2020.